

MARCOS VINÍCIUS DE SOUZA

**ASPECTOS HISTÓRICOS E MORFOLÓGICOS DA RAÇA FILA BRASILEIRO
- Revisão de literatura -**

Dissertação de conclusão do curso
de Medicina Veterinária da
Pontifícia Universidade Católica
de Minas Gerais

Orientador: Prof. Fernando Antônio Bretas Viana

Betim, 16 de maio de 2005

SUMÁRIO

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1 – Introdução	4
2 – Origem da Raça Fila Brasileiro	5
3 – Os fatores que contribuíram para a formação da Raça Fila	7
3.1 – Seleção Natural	7
3.2 – A influência do meio	8
3.3 – Clima	9
3.4 – Solo	9
3.5 – Habitação	9
3.6 – Alimentação	9
3.7 – Exercício	10
3.8 – Faro	10
3.9 – Mordedura	11
3.10 – Dobradiça	12
3.11 – Articulações Frouxas	12
3.12 – A cor	12
3.13 – Espessura da pele, seu tamanho e odor	13
3.14 – Precocidade	14
3.15 – Proliferação	14
3.16 – Constituição Orgânica	14
3.17 – Dimorfismo Sexual	15
4 – A formação do Fila	17
5 - Padrão da Raça Fila Brasileiro adotado pela Comissão de Aprimoramento do Fila Brasileiro (CAFIB)	18
5.1 – Aparência geral	18
5.2 – Figura	18
5.3 – Temperamento	19
5.4 – Sistema Nervoso	19
5.5 – Movimentação	19
5.6 – Cabeça	19
5.6.1 – Crânio	19
5.6.2 – Occipital	20
5.6.3 – Stop	20
5.6.4 – Orelhas	20
5.6.5 – Olhos	20
5.6.6 – Focinho	20
5.6.7 – Nariz	21
5.7 – Dentes e mordedura	21
5.8 – Pescoço	21
5.9 – Tronco	21
5.10 – Tórax	21
5.11 – Flanco	21
5.12 – Linha Superior	21
5.13 – Linha Inferior	21
5.14 – Anteriores	21
5.15 – Posteriores	22

5.16 – Cauda	22
5.17 – Pele	23
5.18 – Pelagem	23
5.19 – Cor	23
5.20 – Altura	23
5.21 – Peso	23
5.22 – Faltas	23
5.23 – Desqualificações Gerais	24
5.24 – Desqualificação por Miscigenação	24
6 – Padrão Oficial da Raça Fila Brasileiro	26
6.1 – Nomenclatura Cinófila utilizada neste padrão	27
6.2 – Aparência Geral	27
6.3 – Caráter e Temperamento	27
6.4 – Expressão	27
6.5 – Altura	27
6.6 – Peso	27
6.7 – Cor	27
6.8 – Pele	27
6.9 – Pelagem	28
6.10 – Cabeça	28
6.10.1 – Crânio	28
6.10.2 – Stop	28
6.10.3 – Focinho	28
6.10.4 – Nariz	28
6.10.5 – Olhos	28
6.10.6 – Orelhas	29
6.11 – Dentes	29
6.12 – Pescoço	29
6.13 – Tronco	29
6.14 – Linha Superior	29
6.15 – Tórax	30
6.16 – Flancos	30
6.17 – Linha Superior	30
6.18 – Garupa	30
6.19 – Anteriores	30
6.19.1 – Patas	30
6.20 – Posteriores	30
6.20.1 – Pernas	30
6.20.2 – Patas	31
6.21 – Cauda	31
6.22 – Movimentação	31
6.23 – Faltas Gerais	31
6.24 – Desqualificações	31
6.25 – Faltas muito graves	32
6.26 – Faltas graves	32
6.27 – Faltas leves	32
6.28 – Faltas	33
7 – Considerações Finais	33
8 – Referências Bibliográficas	33

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1) Introdução

A preservação de espécies animais e vegetais em extinção é um dever e acima de tudo um compromisso de qualquer povo com o seu passado e o seu futuro. O legado que a natureza nos deixou, depois de séculos de aprimoramento e seleção natural, é uma herança de toda a humanidade, e não simplesmente de um povo ou de uma geração.

Ninguém tem o direito de por caprichos pessoais, interesses comerciais, má-fé ou até mesmo ignorância, destruir um trabalho que a Natureza levou séculos para aprimorar, fixando, através da seleção natural, da luta pela sobrevivência, as características de cada espécie animal ou vegetal, ou ainda de cada raça específica.

E esta herança está ameaçada de ser irremediavelmente perdida para sempre pela ação inescrupulosa ou pela ignorância de alguns criadores, que vêm introduzindo sangue de outras raças caninas no Fila Brasileiro, violentando um trabalho genético que a Natureza foi forjando durante séculos, até a fixação dos caracteres dessa raça canina.

Uma raça que se fixou “com os pioneiros, abridores de fazendas e regiões, disputando a terra com as florestas e os animais selvagens, ajudando o homem em suas lidas e, depois, caçando para viver, porque o homem não tinha tempo para alimentá-lo. Sobreviveram os Filas cujos méritos mentais e físicos os livraram da morte”.

E o Fila sobreviveu no trabalho com o gado e na luta ingente contra a onça bravia, o principal inimigo do desbravador e do seu rebanho. E essa tradição de trabalho e luta ficou indelevelmente marcada na formação do Fila, que até hoje é conhecido no Interior como Cão Boiadeiro ou Cão Onceiro, além de um fiel amigo do homem – o que deu origem a uma outra expressão popular de uso corrente no interior, principalmente onde o Fila construiu a sua fama: “Fiel como um cão de Fila”.

2) Origem da Raça Fila Brasileiro

O cão Fila Brasileiro, também conhecido no Interior do Brasil – principalmente em Minas Gerais, onde a raça se teria formado -, como “cão boiadeiro”, “onceiro” ou “cabeçudo boiadeiro”, tem a sua história marcada por vários estigmas, na sua convivência com o homem. (5)

No período colonial, os cães-de-fila (ou de presa), seus antepassados, foram levados pelos homens a caçar índios ou buscar negros escravos fugidos das senzalas. Nas fazendas de criação de gado, no interior de Minas Gerais, foram criados para caçar e dizimar as onças que ameaçavam o rebanho, contribuindo para extinguir, em algumas regiões, esses felinos, numa ação predatória planejada pelo homem. (5)

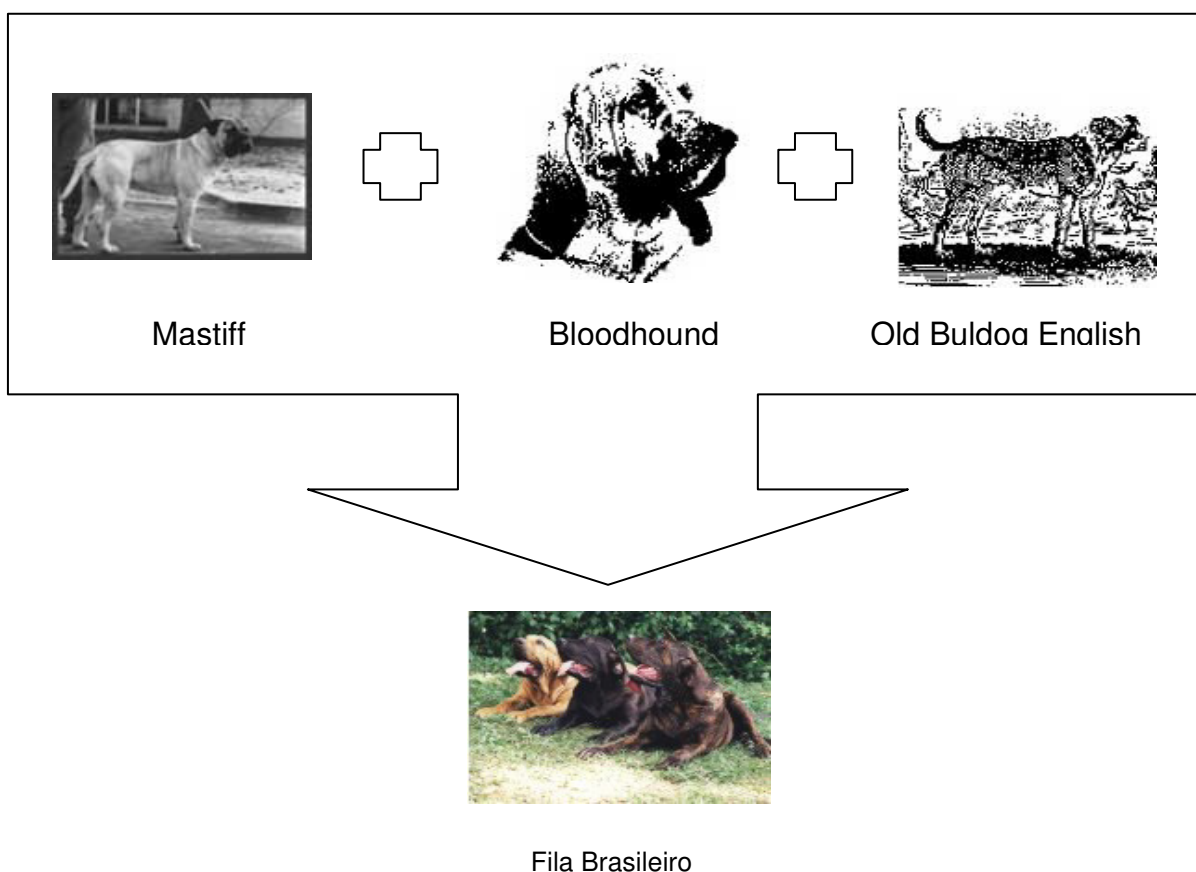
Nas fazendas, depois de trabalhar o dia todo com o gado, embrenhando-se no mato ou nas caatingas em busca de uma rês perdida, derrubando pelo focinho um touro arreado e bravo, ou ainda tocando o rebanho para o matadouro ou para o estábulo, as matilhas de Fila ainda guardavam as fazendas, à noite, distribuindo-se por pontos estratégicos, sempre sob a liderança de um cão, o mais forte e valente da matilha. (5)

Essa é a lenda de braveza e valentia que o Fila de hoje herdou, em que morreram os mais fracos ou os menos aptos a desempenhar as arriscadas tarefas que os homens lhes atribuíam. (5)

À medida que as cidades foram crescendo e as condições de vida se tornaram piores, com o aumento da criminalidade, os Filas foram trazidos das fazendas, onde viviam em liberdade, para minúsculos quintais, onde seu único dever era proteger o seu dono e familiares, graças a uma característica que o distingue de todos os outros cães de guarda e que o torna um dos melhores nessa tarefa: a ojeriza a estranhos. Assim se consolidou um ditado popular que faz jus à sua dedicação ao dono e seus familiares: “Fiel como um cão de Fila”. (5)

Mas ninguém sabe com certeza qual é sua formação, da onde originou este cão fiel, amoroso e companheiro. O que temos hoje, são somente hipóteses, onde quatro foram publicadas no “Grande Livro do Fila Brasileiro” de Procópio do Valle e Ênio Monte, as quais apresentam a seguir: (7)

Dr. Paulo Santos Cruz – diz que o Fila Brasileiro poderia ser resultado do cruzamento do Mastiff + Bloodhound + Old Bulldogue Inglês, onde do Mastiff teria herdado a forma do crânio, a garupa e o dorso; do Bloodhound a pele solta, olhar triste e o faro aguçado; e do Bulldogue Inglês o temperamento violento e a teimosia. (7)



João Batista Gomes – afirma que o Fila Brasileiro seria originário do Fila Terceirense (da Ilha Terceira, Arquipélagos dos Açores) que foi trazido maciçamente pelos portugueses e foi cruzado com o Mastim Inglês proveniente da vinda de D. João VI. (7)

Francisco Peltier de Queiroz – segundo este autor, o Fila Brasileiro se fez com a união de cães indígenas (Aracambé) + selvagens (Guará) + cães de rua + cães imigrantes (Mastim Inglês, Bloodhounds, Bulldogue Inglês). Desta mistura surgiria o nosso Fila, fórmula inatingível e perdida no tempo e que sofreu a influência climática e alimentar. (7)

Procópio do Valle – começa definindo o “cão de fila” como um cão grande, bravo, de espécie vulgar. É assim um cão de guarda e um cão mestiço,

características do grupo dos Mastiff. Recebeu ainda a influência do extinto cão Engelsen Doggen, ou mais exatamente do Dogue de Fort Race, oriundo da Inglaterra e trazido para Pernambuco, em 1631 pelos holandeses, a fim de serem usados em incursões contra os bugres e soldados fugitivos. (7)

Para combater as disparidades existentes, foi que em 1946, alguns criadores paulistas, mostraram o cão de fila aos aficionados de cinofilia, afim de conseguirem sua aceitação como raça pelo antigo Brasil Kennel Clube, se reuniram para preparar a descrição do Padrão do Fila Brasileiro, a fim de dissipar as dúvidas frente a enorme diversidade de exemplares. (7)

Trinta anos depois, em 1976, um segundo padrão foi estabelecido e aprovado no 1º Simpósio da Raça Fila Brasileiro, realizado em Brasília, onde passou a existir um mínimo de altura e peso para machos e fêmeas. (7)

Finalmente em 1983, cerca de 30 dos principais criadores de Fila Brasileiro, se reuniram em um importante congresso nacional no Rio de Janeiro, movidos pela constatação de que era necessário estipular metas que poderiam aprimorar a raça. Foi deste encontro enfim, que em 1984 se redigiu a 3ª versão do padrão oficial que vigora até hoje. (7)

3) Os fatores que contribuíram para a formação da Raça

O culto à raça e à tradição, a fidelidade aos grandes princípios biológicos, nos impulsionam a pesquisar como a raça Fila se terá constituído e fixado. Sem dúvida, percorreu os mesmos caminhos palmilhados por todas as outras: a) seleção natural; b) influência do meio (clima, umidade, pressão atmosférica, temperatura, alimentação, dominância/recessividade, homozigose/heterozigose); c) utilidade. (2)

3.1) Seleção Natural: é a escolha, pela Natureza, dos indivíduos mais aptos, e a eliminação dos menos aptos à vida, em um meio determinado. É a “persistência do mais apto” de Spencer. Cuènot em “L’Adaptation”, explica: (2)

“Quando se traslada um lote de animais para um meio diverso, ocorre, inicialmente, grande mortalidade. Sobrevivem os mais fortes, e, em seus descendentes, observa-se a eliminação imediata dos caracteres impróprios para o

novo meio, a par da seleção e incremento daqueles outros favorecedores da resistência geral e que serão fixados”. (2)

Isto permite deduzir a existência de algo íntimo, celular, protoplásmico, em cada indivíduo, dando-lhe ou não, meios para resistir e adaptar-se. Logo, o meio ou a adaptação não criam caracteres novos, mas apenas estimulam os já existentes, acentuando-os, incrementando-os pelos acasalamentos dos sobreviventes, ou seja, dos mais fortes, e finalmente fixando-os como epistáticos. Segunda inferência: aqueles outros fatores, impróprios ao novo meio, não são eliminados, mas retraem-se, em hipostasia para emergirem oportunamente, se chamados por outro ambiente a eles favorável. (2)

3.2) A influência do meio

Será interessante pesquisar como o meio atuou e atua na formação de uma raça, ou seja, como influiu na fixação do Fila. (2)

Os atributos étnicos são hereditários; todavia; para se manifestarem precisam de ambiente favorável ou, pelo menos, permissível. Faltando-lhe essas condições, o melhor quadro genético falhará; de outro, o ambiente mais propício jamais aperfeiçoará uma herança má. (2)

Não se suponha, porém, a ambiência capaz de suscitar alterações contínuas, nos indivíduos, como se estes fossem simples massa de modelagem. Não há fundamento biológico para tal. Aqueles fatores que se adaptam a determinado meio prevalecem, fixam-se, como epistáticos e dominantes, naquele ambiente, e são transmitidos à descendência, que também os manterá, em consequência das mesmas causas genéticas e ambientais. Nem poderia o meio exercer ação diversa da genética, por ele permitida; ou os genes entrarem em conflito com as forças ambientais. (2)

Em suma, a raça não é evolutiva. Ela pára, estaciona, quando atinge o ponto de equilíbrio entre os genes e o ambiente. O ambiente de temperatura baixa, pode fazer emergir, do organismo de um cão, o subpelo de lã. Evidentemente os genes de subpelo estavam nos cromossomas desse cão, ou não poderiam ter sido ativados. Em poucas gerações, seus genes de pelo curto e fino foram acionados pelo calor intenso, e aquela pelagem comprida e farta desapareceu, e, em alguns indivíduos, até mesmo esse pelo curto cedeu, permanecendo a pela glabra. Nos dois casos houve o equilíbrio e o estacionamento da evolução. O ambiente permite a ação dos genes; mas os genes não podem influir no ambiente. (2)

Analisemos algumas influências ambientais: (2)

3.3) Clima: Talvez a principal entre as condições naturais. Sua ação sobre a pele e produção epidérmica é sensível. No Brasil, o calor e a luminosidade favorecem a formação de pelos finos, curtos e não muito abundantes; e, também, determinadas colorações. (2)

Nas regiões de calor intenso e ar seco, a transpiração excessiva, provocando a perda d'água nos tecidos, impede a formação de linhagens de grande porte; todavia, produz indivíduos normalmente de temperamento mais vivo. Já nas de clima úmido, a água participa mais da formação e composição dos tecidos, facilitando a formação de linhagens de maior peso e de indivíduos calmos, lentos, linfáticos. (2)

Esta influência é modificada pela atitude e proximidade da orla marítima. Há fatores climáticos diversos, que se anulam, somam e atenuam, e os ancestrais do Fila estiveram sujeitos a todos eles no seu processo de aclimatação. O Fila tornou-se raça de pelo baixo, fino e não muito basto. Seu porte fixou-se em grande. Ele tornou-se tipicamente tropical. (2)

3.4) Solo: Ainda muito pouco estudada a influência do solo. Todavia, já se pode afirmar terem os cães, criados em solo permeável e arenoso, sistema nervoso mais controlado, menos sujeito a sensibilidade excessiva. (2)

3.5) Habitação: em cativeiro, os cães em adaptação tiveram reduzida sua rusticidade, pela habitação artificial que lhes negou contato maior com o clima. O Fila, criado nos campos, junto ao gado e à floresta, fixou-se rústico, resistente, forte. (2)

3.6) Alimentação: é fator de grande importância, principalmente entre os jovens. Mesmo os caracteres rústicos mais acentuados podem ser reduzidos pela carência alimentar. Por mais marcantes os efeitos de uma alimentação, ela jamais influirá geneticamente. No entanto, ela determina o afastamento dos menos resistentes, fazendo, do Fila, um cão resistente ao esforço físico, sem necessitar de repetidas compensações alimentares. Ainda hoje, nas fazendas mineiras, o Fila, depois de um dia de trabalho, vai caçar sua alimentação ao cair da noite, na floresta próxima. Pode-se imaginar a fartura de caça na época da fixação. As boiadas vinham do Mato Grosso até ao Norte de São Paulo, trazidas por boiadeiros e Filas. Levavam semanas de marchas contínuas, comendo quando fosse possível. Os cães emagreciam muito, chegando quase esqueléticos, mas ativos e fortes. Em poucas

semanas estavam novamente fortes, cheios de carnes. Essa a rusticidade que nele se fixou. (2)

3.7) Exercício: todo órgão mais solicitado hipertrofia-se e, minorando a atividade dos outros, correlatos, provoca-lhes uma atrofia. Por isso, no longo processo de sua fixação, não pode uma raça, sem prejudicar-se, ativar, além de certo ponto, uma de suas atividades, mesmo daqueles que depois comporão um dos seus caracteres distintivos. (2)

Outra observação interessante e logicamente dedutível: determinada função, dependente de vários órgãos, não será reduzida, pela atrofia de um deles, pois essa atrofia denuncia a hipertrofia dos demais que compensarão sua falta. (2)

Salvo casos de mutação, a maior solicitação de certas funções não alterará o genótipo do indivíduo. O caso resumir-se-á no incremento da parte somática e ativação dos genes correspondentes a essa parte, transferindo-os da situação de hipostáticos para a de epistáticos. (2)

Aqueles indivíduos capazes de motivar funções, órgãos e membros novos, para adaptar-se às exigências ambientais, sobreviverão e procriarão. Os incapazes de se adaptar, perecerão. (2)

Começa assim a fixação da raça. Seus atributos são, portanto, somáticos, físicos, exteriores, como o porte, peso, figura, proporções, pelagem, pele, etc... e, ainda somáticos, físicos mas internos ou fisiológicos, como constituição orgânica, precocidade, odor, faro, saúde; e, finalmente, os mentais como temperamento, inteligência, iniciativa, curiosidade, memória, coragem, afeição, etc... (2)

O Fila para fixar-se, como raça, passou pelo exercitamento de todas as suas funções ráticas, como adiante se verá: (2)

3.8) Faro: O focinho quase igual ao tamanho do crânio, propiciando nervo olfativo suficientemente desenvolvido para o cão perceber a presença dos seus inimigos (onça, queixada, lobo, etc...) antes destes detectarem a sua, ou seja, um bom faro. (2)

Neste particular muito ajudou a ausência de bromidose. (2)

Os de focinho curto e mau faro foram eliminados pela seleção natural. (2)

O focinho do Fila puro é virtualmente do tamanho do crânio, em comprimento. Foi assim que a seleção natural o fez. (2)

As orelhas largas, grossas, caídas, quando o cão abaixa a cabeça, pendem de cada lado; os lábios superiores, também pendentes, participam e os três, cabeça,

lábios e orelhas, formam um biombo, um anteparo, que empurra o ar à sua frente. O cão fungava contra o chão; o ar batia no solo e voltava impregnado com o odor das pegadas do animal cujo rastro ele seguia. Aquele biombo empurrava à sua frente aquele ar e o cão ia cheirando e seguindo. Facilitada assim sua tarefa, logo encontrava a presa e se alimentava. (2)

Mas, os lábios não podiam ser muito pendentes, senão roçavam no chão, ferindo-se. (2)

Resultado, sobreviveram e se reproduziram aqueles exemplares de bom faro (focinho longo, orelhas largas e compridas, lábios médios, pendentes).Pecaram os de focinho curto orelhas de inserção alta, pequenas, finas e estreitas, lábios curtos ou muito pendentes. (2)

3.9) Mordedura: a mandíbula é movimentada por músculos que se estendem desde a ponta do queixo até o occipital. O focinho longo e o occipital alto e saliente dão maior comprimento e melhor posição a esses músculos, portanto maior força à mordedura. (2)

Dentes altos e estreitos não suportavam tal pressão: quebravam, deixando o animal sem defesa. O objeto mordido oferecia resistência à penetração dos dentes, salvo os dentes pontudos, que penetravam facilmente. (2)

Resultado: sobreviveram, vencendo seus adversários, os de focinho longo, occipital saliente e alto, dentes curtos, largos e pontudos. Exatamente como é o Fila puro hoje. (2)

Os que tinham focinho largo, cheio, de curvas amplas, ofereciam base para a boa implantação das raízes dentárias. Podiam morder fortemente e sem dano. (2)

Os de focinho estreito, sem curvas, mas de laterais caídas, como os dois lados de um telhado, negavam base para as raízes dos dentes, que tinham de ficar bem inclinadas, virtualmente caídas, sujeitas a serem deslocadas à mordida em um objeto mais duro, mais resistente. Resultado, extirpação de dentes, infecções bucais, etc... (2)

Em suma, a seleção natural permitiu a sobrevivência dos dentes fortes, focinho largo, cheio, em curvas amplas.Estes procriaram e fixaram o Fila, como ele ainda é até hoje. (2)

3.10) Dobradiça: a linha superior do Fila puro é composta por duas retas: a primeira descendente até o final da cernelha: a segunda ascendente, desse ponto até a garupa. O ponto de encontro dessas linhas é chamado de “dobradiça”. Essa

quase articulação entre as vértebras torácicas e lombares facilita muito as mudanças súbitas de direção, como também as torções esquivas durante a luta. Um Fila puro toma posições as mais surpreendentes, inclusive dobrando-se em 90 graus: o tórax para um lado; e do tórax para trás, para 90 graus. (2)

Sobreviveriam e procriariam os de dorso segmentado e com dobradiça. (2)

3.11) Articulações Frouxas: a ginga do Fila decorre do “passo de camelo” e, também, das articulações frouxas. Alguns exemplares parecem inteiramente desconjuntados. As queixadas começam suas lutas mordendo uma das pernas dianteiras; o lobo “Guará” ataca primeiro a garganta, estabelecido o corpo a corpo, procura morder uma das pernas dianteiras. A frouxidão das articulações e a dobradiça do dorso, permitiam ao cão, deixar uma perna na boca do adversário, torcer todo o corpo e prosseguir na luta, atacando inclusive a cabeça do mordedor. Os cães de juntas presas e sem dobradiça ficavam tolhidos, como movimentação limitadíssima. A maioria destes pereceu e não procriou. Os de juntas frouxas sobreviveram e tiveram descendentes com essa característica, incorporada à raça até hoje. (2)

3.12) A cor: é sabido que, para zonas tropicais, a cor mais apropriada é a amarela com boa pigmentação epidérmica. Nessas zonas a cor preta está muito sujeita ao ectoparasitismo e seqüelas. (2)

A. O. Rhoad em “Some observations on the response of purebred”, relata suas pesquisas na adaptação de raças nas zonas tropicais e subtropicais: (2)

“Com respeito à pelagem, as pesquisas têm mostrado que, com a insolação de 10.000 velas de intensidade, a pelagem amarela, de pele pigmentada, reflete 22% do calor solar; enquanto as amarelas claras refletem apenas 14% ; as castanhas só 4% e as pretas unicamente 25. (2)

É, em outra obra, “A criação do gado bovino na América Tropical e Subtropical” (1942). (2)

“A importância da pelagem, como fator influente na adaptabilidade é demonstrada na preponderância da coloração amarela nas raças nativas dos climas tropicais, secundada pela cinza clara...” (2)

Esta a razão de se encontrar a cor amarela, em todas as tonalidades, e, também misturada com cinza (amarelo-acizentado) em grande porcentagem dos Filas nas fazendas, produzidos pela seleção natural... e não se encontrar a cor preta entre os puros. (2)

3.13) Espessura da pele, seu tamanho e odor: a espessura ou grossura da pele é característica das raças oriundas da seleção natural. Pele grossa significa rusticidade. (3)

O “mato sujo”, pleno de espinhos, tocos, galhos, cipós, feria as peles, rasgando as finas e esticadas, abrindo caminho às infecções letais. Sobreviveram os cães de pele grossa e solta, difícil de ferir e cuja espessura o deslocamento não permitia ferimentos profundos, capazes de atingir os músculos e facilitar o ingresso de germes no organismo. (3)

A pele maior que a superfície corporal, como roupa talhada para um indivíduo maior, solta, pendente, formando dobras e rugas, barbelas na garganta, estendendo-se, em muitos casos, através de toda a linha inferior do tronco, até à bainha, é ou, melhor, foi a fixada pela seleção natural e transmitida até hoje. Dificilmente essa pele, assim solta e grossa, oferecia apoio aos espinhos e tocos, cedia, libertava-se do obstáculo sem maiores conseqüências. Quando um inimigo atingia-lhe a garganta, mordida apenas a barbela, sem alcançar órgãos internos ou músculos. Os portadores dessa pele sobreviveram e vivem ainda nos seus descendentes puros de hoje. (3)

A pele solta favoreceu a adaptação ao clima quente e úmido tropical, irradiando mais calor, favorecendo a respiração cutânea, auxiliando a suportar as temperaturas elevadas e as fortes soalheiras. Pela abundância do tecido conjuntivo, ajudava a estocar gordura e reservas, ou seja, ajudava a mantença durante uma doença ou jejum forçado. (3)

Acresce que esse tipo de pele não tem cheiro forte, característico dos cães. Ao contrário, seu odor característico é quase imperceptível. Na vida selvagem, esta característica dificultava sua localização, protegendo-o dos inimigos naturais. Ao mesmo tempo, permitia sua aproximação da presa sem por ela ser percebido, facilitando-lhe a caçada e a alimentação. (3)

Por isso, os cães exibindo pele solta, grossa e sem bromidose puderam chegar até nós, em seus descendentes. Dedução: desconfiar dos exemplares de pele fina, retesada e com odor de canídeo. (3)

3.14) Precocidade: Consiste no desenvolvimento rápido do animal. Fator importante no período de adaptação e fixação da raça. Para qualquer carnívoro selvagem, uma ninhada de cães de porte grande seria sempre um ótimo petisco. Salvaram-se aquelas crias de idade tal que já lhes permitisse lutar ou, pelo menos,

fugir. Os de desenvolvimento lento, pereciam. Sobreviveram os precoces, transmitindo aos descendentes esse fator. (3)

Desconfie dos cães de lento desenvolvimento. (3)

3.15) Proliferação: no período de formação da raça, as ninhadas devem ter alimentado muita onça, queixada, lobo, etc...era o equilíbrio biológico em ação. As cadelas, ao se aproximar o dia do parto, procuravam tocas já abandonadas, ampliavam-lhe a capacidade e, lá dentro, davam os filhotes à luz. Quando todos já se movimentavam razoavelmente, a cadela os trazia, apresentando-os ao dono. (3)

Ainda hoje, em muitas fazendas, os partos continuam acontecendo no seio da Mãe Terra. (3)

Aquelas perdas, pelos ataques dos predadores, eram compensadas pelas linhagens prolíferas. Destas, conseguia sempre sobreviver algum exemplar, que depois procriava. Transmitindo aos descendentes essa qualidade. Desapareceram as linhagens de partos difíceis e de poucas crias. (3)

As cadelas Filas ainda hoje se distinguem pela prolificidade, que é transmissível, fixada como caráter rústico. (3)

3.16) Constituição Orgânica: é o grau de resistência do organismo. Zootecnicamente falando, os animais serão de “boa” ou “má constituição”. Na gíria cinófila dizem-se “rústicos” e “fracos” ou “sem resistência”. (3)

Todo criador conhece animais rústicos, sadios, resistentes às mudanças de temperatura, climas, nutrição; e a par desses, outros afetados pela simples mudança de temperatura, das estações, necessitados sempre de proteção e alimentação extras, e, apesar destes cuidados, sempre doentios. (3)

Na fixação da raça, estes animais “sem resistência” ou de “má constituição orgânica” morriam na primeira infância, sem chegar a se reproduzir e a aumentar o número de fracos. A grande maioria, distinguia-se pela rusticidade, suportando, galhardamente, a vida dos campos e florestas, as intempéries e as doenças. Resultado: a rusticidade que até hoje distingue o Fila puro. (3)

A falta de rusticidade, na maioria dos casos, é sintoma de miscigenação. O Fila puro é animal de sereno, como o denominaram em algumas regiões, por preferir deitar-se ao relento, mesmo nas noites frias. Daí sua pele grossa. (3)

3.17) Dimorfismo Sexual: os caracteres sexuais distinguem-se em “primários” e “secundários”, “Primários” são os próprios órgãos da

geração; "secundários" são os de natureza morfológica e fisiológica: formato, peso volume, desenvolvimento craniano, musculatura, etc... (3)

Do funcionamento das glândulas sexuais (testículos e ovários) depende o completo desenvolvimento dos caracteres secundários. Assim, no período de seleção natural, e já com o fator precocidade dominante, as fêmeas entravam em cio, iniciando a reprodução, logo no 6º mês, quando seu desenvolvimento morfológico ainda estava apenas aflorando. Resultado: sua evolução física era sustada, daí as fêmeas bem femininas, bem menores que os machos, cabeça estreita, metade posterior do tronco maior do que a anterior, ossatura não muito pesada, temperamento menos violento. (3)

Já os machos, fecundando cedo, tinham seus caracteres secundários incrementados: maior porte, maior peso, ossatura mais pesada, cabeça mais larga, temperamento mais excitável, mais agressivo. (3)

O Fila puro, formado pela seleção natural, apresenta bem nítido o dimorfismo sexual, isto é, a diferença entre machos e fêmeas. (3)

Fêmeas masculinas: grandes, pesadas, cabeçudas, podem ter obtido tais caracteres da mestiçagem. O mesmo se dirá dos machos desprovidos de formas masculinas: leves, estreitos, pequenos, etc... (3)

Dentro das possibilidades deste resumo, estas foram as influências do meio brasileiro e da seleção natural sobre as raças componentes e sobre a resultante, depois denominada Fila. Já, sabemos, muitas teorias sobre a origem do Fila. Em geral são tentativas para respaldar detalhes somáticos suscitados pela mestiçagem. Nós continuamos considerando mais provável a cruzada do Old English Mastiff, então muito popular na Europa e para cá trazido para defesa dos povoados contra os índios e piratas; com o Sabujo ou Bloodhound, também trazido para localizar escravos fugidos, dado seu faro agudíssimo; e com o Bulldog, então utilizado nas lidas do gado. Alguns Filas, por demais orelhudos e enrugados, denunciam o sangue avoengo do Bloodhound. (3)

Não negamos a possibilidade de incrementar ou minimizar certos fatores de uma raça, mas sem dela sair. Criadores há que conseguem estabelecer um tipo identificador de sua linhagem. É trabalho deveras elogiável. Mas ninguém duvidará ou hesitará em identificar, nos seus cães, exemplares daquela e não de outra raça. (3)

Variações dentro da raça acontecem em todas. Nas exposições vêem-se chihuahuas de vários tamanhos; dinamarqueses de altura e massa as mais variadas; beagles de pernas curtas, ao lado de pernaltas; boxers de focinho curto, achatado junto a outros com um bom palmo de maxilas; uns parrudos, abuldogados, outros leves, esgalgados como lebréus; pastores alemães parrudos, de crânio largo e orelhas a 45 graus, concorrendo com outros de crânio estreito a ponto de orelhas se tocarem; fox-terries de focinho forte, másculo, disputando com outros de carinha delicada, sem qualquer profundidade mandibular e todos campeões; collies grandes, cabeça máscula, expressão altiva, pelagem farta; ao lado de outros, encolhidos, tímidos, pequenos, quase de pelo liso; borzóis de cabeça tipicamente graióide, a par de outros ostentando um bico em cuja ponta se acavalam, por falta de espaço, punhados de dentes. (3)

Ninguém ousaria acoirar essas raças de “ainda não fixadas”, nem argumentar com a “dinâmica das raças”, ou “com o conceito evolutivo das raças”. Quando ao Fila, os inocentes úteis, para dizerem alguma coisa, repetem os chavões de raça nova, raça ainda não fixada, sem perceber que estão fazendo o jogo dos mestiçadores e dos seus protetores. (3)

Os Mastiffs são cães de origem muito remota. Acredita-se que o seu aparecimento ocorreu em concomitância com o lobo. Cita-se ainda que os cães de grande porte, do tipo Mastiffs, teriam sido utilizados pelos guerreiros Alexandre o Grande, Xerxes e outros, em suas conquistas e batalhas.(4)

Esses cães foram transportados para a Assíria, Pérsia, Índia e Grã-Bretanha. Os povos destas regiões continuaram o aprimoramento da raça, para utilização com fins bélicos. (4)

No século 55 A.C., os romanos desembarcaram na Grã-Bretanha e se impressionaram de tal forma com a ferocidade dos Mastiffs que levaram alguns destes animais para combater nas arenas contra touros, ursos, leões e escravos. As legiões romanas também empregavam estes animais em suas conquistas, espalhando morte e destruição, tal era sua coragem e violência naquela época. (4)

Os animais transferidos para Roma foram se modificando pelos cruzamentos e deram origem ao Mastim Napolitano, enquanto os que permaneceram na Grã-Bretanha conservaram as características fenotípicas dos Mastiffs. (4)

Até a Idade Média, o caráter e temperamento destas duas raças permaneceram praticamente inalterados em decorrência de um constante

aprimoramento para a defesa de propriedades, lutas contra grandes animais e para a guerra. (4)

Ao redor do século XVII, os Mastiffs foram levados pelos colonizadores portugueses e espanhóis para a América recém descoberta, com o objetivo de lutar contra índios e escravos fugitivos. No Brasil, eles foram utilizados já nas primeiras Entradas e Bandeiras, como encontramos citado em “Encontro de Monções no Sertão”, de Oscar Pereira da Silva, no Museu Paulista. (4)

Além dos portugueses, os holandeses contribuíram bastante para a introdução destes cães de grande porte e ferocidade em nossa terra. Este fato ocorreu em torno do século XVII e, repetimos, com emprego de cães descendentes dos grandes cães guerreiros da antiguidade e que ainda conservam o caráter e o temperamento daqueles. (4)

Em nossos meios ocorreram cruzamentos que contribuíram para o aprimoramento do faro destes animais. A mistura se fez principalmente com o Bloodhound, que é dotado de faro notável e transmitiu esta qualidade à raça Fila até os nossos dias. Também a pele solta e o olhar triste são heranças do grande sabujo inglês. (4)

Somos contrários à teoria de que houve cruzamento com perdigueiros “apontadores”, pois os Filas no campo não se comportam como os Pointers. (4)

4) A formação do Fila

Como resultado do cruzamento dos Mastiffs do século XVII com os Bloodhounds teria sido iniciada a formação da raça Fila (Talvez o Buldogue também tivesse participado da origem da raça, mas estes animais descendem dos Mastiffs, e naquela época as duas raças se assemelhavam) há mais de dois séculos. Nunca saberemos em que proporções ocorreram esses cruzamentos, e portanto não estamos em condições de repeti-las. (4)

A origem e evolução da raça foram profundamente marcados pela pressão da força de seleção natural imposta pelo meio hostil aos cães, que eram obrigados a guardar rebanhos de gado, propriedades, lutar contra onças, caçar escravos

fugitivos, afugentar ladrões, suprir muitas vezes o seu próprio alimento através de caçadas, e mesmo assim mantendo-se fiéis à família e ao seu dono. (4)

Esta seleção fez com que sobrevivessem apenas os cães valentes, fortes, resistentes, com faro excepcional, e com as demais características do Fila. A genética se encarregou de manter a raça intacta até os dias de hoje. (4)

Enquanto os Filas passam por este processo evolutivo, sob influência da seleção natural, acrescida de genética, os Mastiffs e Mastins Napolitanos foram se deteriorando na Europa, em decorrência da sua eliminação nas lutas das arenas e em combates. E as exposições caninas passaram a exigir cães dotados de beleza e docilidade, com ausência de agressividade. (4)

Deste modo, enquanto a raça Fila foi forjada na luta contínua nas fazendas, e mantendo o espírito e o caráter dos cães guerreiros da antiguidade, os Mastiffs e Mastins Napolitanos foram se transformando em animais dóceis para os estranhos, conservados apenas o porte e a beleza física dos seus temíveis ancestrais. A degeneração que ocorreu nestas duas raças foi tal que ao término da Segunda Grande Guerra havia apenas um pequeno número destes animais na Europa, uma vez que haviam perdido a função de guardas de propriedade, mantendo apenas interesse histórico para os aficcionados da raça. (4)

5) Padrão da Raça Fila Brasileiro adotado pela Comissão de Aprimoramento do Fila Brasileiro (CAFIB)

5.1) Aparência geral: raça tipicamente molossóide. Talhe grande; massa poderosa, ossatura robusta, dando a impressão de alentada concentração de força e poder, mas sem parecer, nem ser, pesado, lerdo, apático. (1)

5.2) Figura: retangular compacta, porém harmônica, bem proporcionada, simétrica. Caracteres sexuais secundários pronunciados, destacando nitidamente machos e fêmeas. (1)

5.3) Temperamento: dotado de coragem, determinação e valentia notáveis. Não oculta sua ojeriza a estranhos, nem sua tradicional meiguice, obediência e fidelidade aos donos e seu familiares. Conseqüentemente é, nas cidades,

inexcedível guarda de propriedades e, no campo, exímio boiadeiro e caçador de animais de grande porte. (1)

Como resultado de seu temperamento, nas exposições não permite ser tocado pelo juiz (um estranho) e, se o atacar, não deve tal reação ser considerada falta, mas apenas confirmação do seu temperamento. (1)

Nas provas de temperamento, obrigatórias nas exposições, após 12 meses de idade, seu ataque deve ser em diagonal ascendente, à frente do apresentante, e sem deste revelar dependência. (1)

5.4) Sistema Nervoso: comportamento calmo, sereno, revelando segurança e confiança próprias, suportando perfeitamente ambientes e ruídos estranhos, como tiros de festim, teste obrigatório nas exposições, nunca disparado a menos de 5 metros e sempre após a idade de 12 meses. (1)

5.5) Movimentação: 1ª.) PASSOS, largos, elásticos, compassados, aparentemente pesados, lembrando os dos felinos, mantendo a cabeça ao nível ou abaixo da linha do dorso. (1)

Principal característica do passo é a movimentação das duas pernas de um lado, e só depois as do outro, em perfeito “passo de camelo”, originando balanços laterais do tórax e da garupa, acentuados pela cauda quando erguida. (1)

2ª.) TROTE: fácil, suave, leve, largo, de bom rendimento. (1)

3ª.) GALOPE: poderoso, alcançando velocidades insuspeitadas em cães de tal porte e peso. (1)

A movimentação, principalmente no passo, denuncia as articulações frouxas, características da raça, principalmente nos membros e no dorso, revelando ser o Fila capaz de mudar de direção súbita e rapidamente. (1)

5.6) Cabeça: braquicéfala, grande, pesada. De perfil mostra: focinho de comprimento praticamente igual ao do crânio; e de boa profundidade; occipital saliente; orelhas grandes e pendentes; stop baixo. De frente é larga, focinho forte, de curvas bem convexas, crânio amplo, levemente curvo, como também as laterais. (1)

5.6.1) Crânio: de perfil mostra suave curva do stop ao occipital, que é bem saliente. De frente é largo, amplo, levemente curvo. Suas laterais descem, em curva muito suave, quase em vertical, sem parótidas inchadas, e avançam, em curva suave, nunca formando degrau, para o focinho. (1)

5.6.2) Occipital: saliente, destacando-se bem da nuca. (1)

5.6.3) Stop: visto de frente é virtualmente inexistente, em seu lugar há um sulco, em suave aclave, entre os olhos, estendendo-se até a metade do crânio. Visto de lado é baixo, inclinado, porém perfeitamente aparente, formado que é pelas arcadas superciliares. (1)

5.6.4) Orelhas: caídas, grandes, grossas, muito largas na raiz, estreitando-se para a extremidade arredondada. Sua raiz é inclinada, sendo o bordo anterior mais alto do que o posterior, e sua inserção é na parte mais posterior do crânio e, quanto à altura, é variável: baixa quando o cão em repouso, alta quando em atenção. Permitidas orelhas caídas lateralmente e de rosa. (1)

5.6.5) Olhos: de expressão triste quando em repouso, mas enérgica e determinada quando atentos; de tamanho médio a grande, ligeiramente ovalados, profundos, bem afastados. Coloração do castanho-escuro ao amarelo, em harmonia com a pigmentação e cor geral da pelagem. Devido à pele solta, alguns cães apresentam pálpebra inferior caída, detalhe não faltoso, pois apenas aumenta a expressão triste típica. (1)

5.6.6) Focinho: de perfil – comprimento praticamente igual ao do crânio. Forma retangular, porém muito profundo. Todavia nunca deve a profundidade igualar ou ultrapassar, o comprimento. (1)

Linha anterior reta, descendo levemente inclinada, entrando, a meia altura, em curva ampla e perfeita, até alcançar a linha inferior do focinho, também definida pelos lábios superiores, que são grossos, pendentes, sobrepondo-se aos inferiores, que são firmemente fixados no queixo, porém soltos nos lados, mostrando bordos denteados. (1)

Comissura labial aparente. (1)

De frente: curvas do focinho (da frente, média e da raiz bem convexas, dando focinho cheio, assegurador de boa implantação às raízes dentárias, e desenhando, sob os olhos, focinho bastante rotundo; daí estreita-se muito levemente, até a curva média e, depois, novamente alarga-se, também muito levemente, até à curva anterior ou da frente, originando rima labial (abertura da boca) em curva ampla. Visto de cima não deve o focinho cinturar na região da curva média, que é apenas perceptível. (1)

5.6.7) Nariz: de narinas largas, bem desenvolvidas, mas nunca ocupando toda a largura da maxila. Cor sempre negra. (1)

5.7) Dentes e mordedura: dentes relativamente pequenos, porém fortes e claros. Incisivos superiores largos na raíz e afilados na ponta. Caninos poderosos e bem afastados. Mordedura em tesoura, ou seja, incisivos inferiores encaixando na face interna dos superiores. (1)

5.8) Pescoço: geralmente portado baixo, extraordinariamente desenvolvido e musculado, dando-lhe a impressão de curto. Bordo superior com leve convexidade. Garganta provida de duas dobras de pele grossa, pendentes, soltas, longitudinais e paralelas (barbelas). (1)

5.9) Tronco: forte, largo, profundo. Tórax mais comprido do que o abdômen. (1)

5.10) Tórax: costelas de perfeito arqueamento, dando peito largo e profundo, sem interferir na movimentação do ombro e descendo até a ponta dos cotovelos, num ombro bem estruturado. (1)

5.11) Flanco: menos comprido e menos profundo do que o tórax, bem cinzelado, separando suas várias partes componentes. Visto por cima, deve ser menos largo e cheio do que o tórax e a garupa, porém sem cinturar. (1)

5.12) Linha Superior: cernelha aberta e baixa, dado o afastamento das omoplatas, todavia deve ser perfeitamente aparente, em linha inclinada. No ponto em que termina (dobradiça) a linha superior muda de direção, ascendendo suavemente, em reta, até a ponta anterior da garupa (ílio) A linha superior é, portanto, formada por duas retas: uma até o final da cernelha, outra até a garupa. (1)

5.13) Linha Inferior: da ponta do peito (manúbrio esternal), desce, em curva ampla e perfeita, formando o antepeito; depois, em linha reta, paralela ao chão, segue até a extremidade posterior do esterno (xifóide); e deste ponto eleva-se, suavemente, nos machos até a bainha do pênis, nas fêmeas até a aba do flanco, nelas mais desenvolvidas, impedindo a visão da ascendência abdominal e influenciando a linha inferior. (1)

5.14) Anteriores: 1º) ombro: estruturado por dois ossos de igual tamanho: omoplata ou escápula e úmero; aquela a 45 graus da horizontal e este a 90 graus dela. A articulação escapulo-umeral forma a “ponta do ombro”, que deve situar-se ao nível da do peito, um pouco à retaguarda desta. (1)

No ideal, o ombro deve ocupar o espaço da cernelha ao esterno, e a “ponta do ombro” deve situar-se a meia altura dessa distância. (1)

2º) pernas: de ossatura poderosa e reta; carpos aparentes; metacarpos curtos, levemente inclinados. (1)

3º) pés: formados por dedos fortes e bem arqueados, não muito juntos, apoiados em digitais espessas e contornando almofadas plantares largas, profundas e grossas. (1)

Em sua posição correta, os dedos devem apontar para a frente. Unhas fortes, escuras, podendo ser brancas, quando essa for a cor do respectivo dedo. (1)

Uma perpendicular imaginária, descendo da cernelha, deve atravessar o cotovelo e atingir o pé. (1)

O cotovelo (olecrânio), na estrutura ideal, deve coincidir com o esterno. (1)

5.15) Posteriores: 1º) garupa: estruturada pelo íliaco, largo, longo, angulado a 30 graus da horizontal, definindo curva suave, desde a ponta anterior da garupa (ílio) até à posterior (ísquio) ou “ponta da nádega”. A ponta do ílio situa-se no mesmo nível ou um pouco mais alto do que a cernelha. (1)

Uma horizontal imaginária, partindo da “ponta da nádega” (ísquio), deve alcançar a do ombro e, mais adiante, a do peito, determinando o comprimento do cão. (1)

Vista por trás a garupa deve ser ampla, de largura igual à do tórax, mesmo nos machos, podendo ser ainda mais larga nas fêmeas. (1)

2º) coxa: estruturada pelo fêmur, angulado a 60 graus, mais ou menos, da horizontal, ou do chão, e a 90 graus do íliaco. Larga, de bordos abaulados, formados que são estes pelos músculos que descem do ílio e do ísquio, estes últimos desenhando a curva da nádega, razão de se exigir o ísquio de bom comprimento. (1)

3º) perna: propriamente dita é o trecho estruturado pela tíbia, bem angulada, salientando o joelho e projetando o jarrete para trás. Tarsos fortes, bem aparentes. Metatarsos bem inclinados, mais altos do que os metacarpos. (1)

Vistas por trás, as pernas devem ser paralelas e as coxas bem musculadas nas faces internas. (1)

4º) pés: um pouco mais ovalados do que os anteriores e iguais a estes no restante. Não devem apresentar unhas perdidas (ergots). (1)

5.16) Cauda: vista de lado, não deve afetar a curva da garupa, ao contrário, deve a ela se adaptar, não se destacando em demasia. Sua inserção é média. Estando o cão excitado, eleva-se, sem porém nunca atingir a vertical e muito menos cair sobre o dorso. Na ponta forma curva aberta (curva de anzol), e nunca devendo

se enroscar. Estando o cão em repouso, ela cai, reta, até atingir os jarretes. Vista por trás, sua raiz deve ser muito larga, forte, revelando vértebras poderosas, afinando gradativamente até sua extremidade. (1)

5.17) Pele: representa um dos característicos rácicos mais importantes. Deve ser grossa, solta em todo o tronco, principalmente no pescoço, formando barbelas na garganta que, em muitos casos, prosseguem pelo peito e abdomen; alguns cães apresentam uma dobra nas laterais da cabeça, e, também, na cernelha e ombro. Estando o cão em repouso, a cabeça não deve apresentar rugas; excitado, a contração da pele do crânio, para erguer as orelhas, forma, entre estas, pequenas rugas longitudinais ao crânio. Testa isenta de rugas. (1)

5.18) Pelagem: baixa, curta, acamada; pelos rústicos, grossos, destacados individualmente à visão e ao tato. Um pouco mais bastos na cernelha. (1)

5.19) Cor: são permitidas as seguintes cores:

1ª) amarelos, em todas as tonalidades, desde o baio até o vermelho.

2ª) amarelos, em todas as tonalidades, do baio ao vermelho, mas com uma sombra acizentada.

3ª) as cores 1ª e 2ª, mas com máscara e orelhas pretas, ou somente máscara preta.

4ª) rajados, tigrados ou araçás: fundo, ou cor base, igual a uma das anteriores, com listas ou rajas pretas. As rajas são finas, de uma só largura em toda a sua extensão, distribuídas irregularmente, por todo o corpo; e também de comprimento muito variado e diverso. Na linha superior do corpo, costumam-se encontrar em “V”.

5ª) rajados com máscara e orelhas pretas.

6ª) brancos com grandes malhas rajadas, estas iguais à 4ª cor. O branco deve ser puro, sem manchas escuras na pele, provocando sombras.

7ª) cinza claro, prateado.

8ª) quaisquer dessas cores, com marcas brancas, geralmente nos membros, no peito e na cauda; mais raramente no pescoço, focinho subindo ao crânio. (1)

5.20) Altura: na cernelha. Mínimas: machos 65 cm.; fêmeas, 60 cm. Máximas: machos 70 cm.; fêmeas, 65 cm. (1)

5.21) Peso: machos, por volta de 50 quilos; fêmeas, em torno de 40 quilos. (1)

5.22) Faltas: tudo quanto se afastar do ideal, descrito neste padrão. A gravidade da falta estará na razão direta do afastamento. (1)

5.23) Desqualificações Gerais: 1ª) orelhas operadas; 2ª) caudas operadas; 3ª) nariz de cor de carne; 4ª) prognatismo, influenciando a linha anterior do focinho; 5ª) qualquer falta dentária; 6ª) brancos sem qualquer mancha de outra cor; 7ª) fundo branco com malhas pretas; 8ª) pretos ardósia; 10ª) pretos, azeviche ou ardósia, com manchas brancas; 11) cinza rato; 12ª) cinza azulado; 13ª) fundo cinza com malhas pretas; 14ª) rima labial em ângulo agudo; 15ª) temperamento sem reação positiva ao ataque; 16ª) forte sensibilidade negativa ao tiro. (1)

5.24) Desqualificação por Miscigenação: NOTAS: 1ª) são aqui destacadas as mais comuns e, para facilidade, divididas pelo aspecto geral, cabeça, etc... Face à variedade de heranças genéticas e conseqüentemente de tipos, não deve o juiz esperar encontrar um desses conjuntos de caracteres num mesmo cão. Portanto, sempre que um ou mais desses caracteres forem encontrados e, pelas intensidades e tipicidade o convencerem na miscigenação, deve o juiz desqualificar. (1)

2ª) exemplares já ostentando detalhes somáticos denunciadores de várias mestiçagem. O fato não deve surpreender o julgador, pois apenas comprova a extensão e variedade da miscigenação, com utilização de várias e não apenas uma raça. (1)

A) Miscigenação com Mastins Napolitanos:

A-1: tipo fortemente brevilineo, de pernas curtas, peito largo. Linha superior côncava, dando garupa alta, plana, cauda de inserção alta, curta, tendendo a enroscar e a cair sobre o dorso. Linha inferior em curvas opostas: côncava a do tórax (tórax de rede), convexa a do abdome (esgalgada). (1)

A-2: crânio largo, continuando a curva em suas laterais, abauladas, dando à cabeça forma que lembra a de uma bola; por contraste, o focinho fica parecendo mais estreito. Orelhas de inserção alta. Stop rotundo, formado pelo frontal, alto, fazendo testa. Rima labial em ângulo agudo. (1)

Focinho, de perfil, apresentando profundidade igual ou maior que o comprimento. De frente, é estreito, o nariz ocupando toda a sua frente. Sem curvas convexas. Garganta com papada (peles soltas transversais). (1)

Expressão de enfado, com olhos semi-cerrados, boca aberta, mostrando a ponta da língua. (1)

A-3: cor preta ardósia; fundo cinza com rajas pretas; cinza chumbo. (1)

B) Miscigenação com Dogue Alemão:

B-1: figura quadrada, longilíneo, pernas altas, pescoço longo, garganta sem barbelas. (1)

Esterno curto, originando rápida ascensão da linha inferior, em diagonal (tórax de arenque). Aba do flanco muito grande, mesmo nos machos. Articulações e movimentação firmes. Garupa sem inclinação. Cauda fina. (1)

Ombros abertos e deslocados para a frente, virtualmente colocados sob o pescoço. (1)

B-2: cabeça estreita. Nariz grande e largo. Cabeça com pouca profundidade; crânio plano, chato; stop pequeno; orelhas finas, estreitas, de inserção alta. Olhos tendendo para o azul. Focinho comprido, com sua linha inferior paralela à superior. (1)

B-3: cor preta azeviche; cinza rato ou cinza azulado; fundo cinza com malhas pretas; brancos com malhas pretas ou cinzas, ou destas duas cores. Pelo muito baixo e muito colado ao corpo, composto por pelos muito finos. (1)

C) Miscigenação com Mastim Inglês:

C-1: tipo agigantado, tendendo para o quadrado. Dorso reto. Frente mais alta que a garupa. (1)

C-2: vista de frente a cabeça é larga, parecendo estreitar entre as orelhas, que são pequenas, em forma de “V”, finas, de inserção muito alta, praticamente em cima do crânio e quase sempre pretas. (1)

Testa globulosa; stop abrupto, formado pelo frontal. Testa enrugada. Occipital pouco saliente. (1)

De perfil o focinho é de comprimento igual à metade do comprimento do crânio (1 para 2). Profundo nariz, porém menos profundo na ponta, trecho no qual o lábio superior não é tão profundo. A linha anterior forma ângulo reto com a superior e é vertical ou até mesmo tombada, denunciando mordedura em torquês ou em prognatismo inferior. Queixo saliente, participando da formação da linha anterior. Máscara preta. (1)

C-3: fundo amarelo-abricot com manchas pretas. Estas muito numerosas, de forma ovalada. Seu número é tal que os trechos do fundo visíveis ficam praticamente da mesma largura das manchas, dando uma falsa idéia de cor rajada ou tigrada escura. (1)

6) Padrão Oficial da Raça Fila Brasileiro

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CINOFILIA
Fédération Cynologique Internationale



GRUPO 2

Padrão FCI 225
05/02/1997



Classificação F.C.I.

Grupo 2 - Pinscher e Schnauzer, Molossóides, Boiadeiros e Montanhese
Suíços e raças assemelhadas. (6)

Seção 2 – Molossóides (6)

2.1 - Tipo Mastife (6)

Padrão FCI n° 225 - 05 de fevereiro de 1997. (6)

País de origem: Brasil (6)

Nome no país de origem: Fila Brasileiro (6)

Utilização: Guarda e boiadeiro (6)

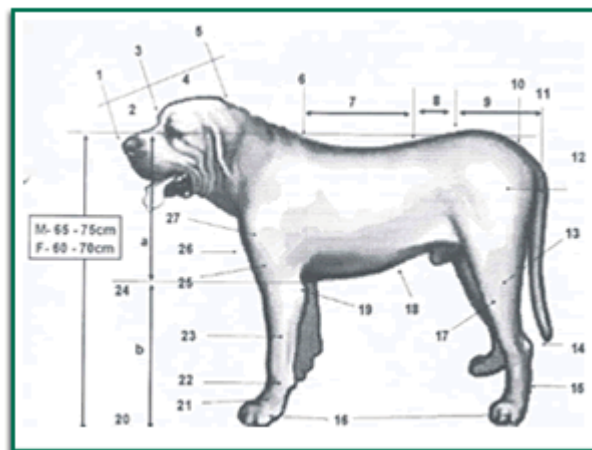
Sujeito à prova de temperamento para campeonato. (6)

Sergio Meira Lopes de Castro

Presidente da CBKC (6)

Domingos Josué Cruz

Setta Presidente do Conselho Cinotécnico (6)



6.1) Nomenclatura Cinófila utilizada neste padrão

1 - Trufa	14 - Jarrete	27 - Ponta do ombro
2 - Focinho	15 - Metatarso	
3 - Stop	16 - Patas	a - profundidade do peito
4 - Crânio	17 - Joelho	
5 - Occipital	18 - Linha inferior	b - altura do cotovelo
6 - Cernelha	19 - Cotovelo	
7 - Dorso	20 - Linha do solo	a + b = altura do cão na cernelha
8 - Lombo	21 - Metacarpo	
9 - Garupa	22 - Carpo	
10 - Raiz da cauda	23 - Antebraço	
11 - Ísquio	24 - Nível do esterno	
12 - Coxa	25 - Braço	
13 - Perna	26 - Ponta do esterno	

6.2) Aparência Geral: raça tipicamente molossóide. Poderosa ossatura, figura retangular e compacta, harmoniosa e proporcional. Apresenta, aliada a uma massa muscular, grande agilidade concentrada e facilmente perceptível. As fêmeas devem exibir feminilidade bem pronunciada, diferenciando-se, nitidamente, dos machos. (6)

6.3) Caráter e Temperamento: dotado de coragem, determinação e valentia notáveis. Para com os de sua casa é dócil, obediente e extremamente tolerante com as crianças. É proverbial sua fidelidade, procurando com insistência a companhia dos donos. Caracteriza-se pela aversão a estranhos. De comportamento sereno, revelando segurança e confiança própria, absorve perfeitamente ambientes e ruídos estranhos. É fiel à guarda da propriedade, dedicando-se, também, e, por instinto, às lides de gado e à caça de animais de grande porte. (6)

6.4) Expressão: em repouso é calma, nobre e segura. Nunca apresenta olhar vago ou de enfado. Em atenção, sua expressão é de determinação, refletida num olhar firme e penetrante. (6)

6.5) Altura: Machos: 65 a 75 cm.
Fêmeas: 60 a 70 cm. (6)

6.6) Peso: Machos, mínimo de 50 kg.
Fêmeas, mínimo de 40 kg. (6)

6.7) Cor: o branco, cinza rato, malhado, manchado, preto e canela e azul são cores não permitidas. São permitidas todas as cores sólidas, tigradas de fundo nas cores sólidas, com rajadas de pouca intensidade até os fortemente rajados, podendo ou não apresentar máscara preta. Em todas as cores permitidas, admitem-se marcações brancas nos pés, peito e ponta da cauda. Indesejáveis as manchas brancas no restante da pelagem. (6)

6.8) Pele: representa uma das características ráticas mais importantes. É grossa, solta em todo o corpo, principalmente no pescoço, onde se formam pronunciadas barbelas, estendendo-se, em muitos casos, pelo peito e abdome. Alguns exemplares apresentam uma dobra nas faces laterais da cabeça e, também,

na cernelha, descendo até o ombro. Com o cão em repouso, a cabeça não apresenta rugas; quando excitado, na contração para erguer as orelhas, a pele do crânio forma, entre elas, pequenas rugas longitudinais. (6)

6.9) Pelagem: formada de pêlo baixo, macio, espesso e bem assentado. (6)

6.10) Cabeça: grande, pesada, maciça, sempre em harmonia com o tronco. Vista de cima, o aspecto é piriforme, inscrito num trapézio. Vista de perfil, o crânio e o focinho guardam a proporção aproximada de 1:1, sendo o focinho ligeiramente menor que o crânio. (6)

6.10.1) Crânio: (Figuras 1 e 2) de perfil, mostra suave curva, do stop ao occipital, que é bem marcado e saliente, notadamente nos filhotes. De frente, é largo, amplo, com a linha superior ligeiramente arqueada. As faces laterais descem em curva, quase vertical, estreitando se para o focinho, sem fazer degrau. (6)



Figura 1



Figura 2

6.10.2) Stop: (Figuras 1 e 2) visto de frente, é, praticamente, inexistente. Sulco sagital em suave ascendência até, aproximadamente, a metade do crânio. Visto de perfil, é baixo, inclinado e, virtualmente, formado pelas arcadas superciliares, muito desenvolvidas. (6)

6.10.3) Focinho: (Figuras 1 e 2) forte, largo, profundo,, sempre proporcional ao crânio. Visto de cima, é cheio sob os olhos, estreitando-se, muito levemente, até o meio, alargando-se, também levemente, até a curva anterior. Visto de perfil, a linha superior é reta ou levemente romana, nunca ascendente. A linha anterior é quase perpendicular à linha superior; com ligeira depressão logo abaixo do nariz, e seguindo para a linha inferior por uma curva perfeita dos lábios superiores, que são grossos, pendentes, sobrepõem-se aos inferiores, definindo a linha inferior do focinho, quase paralela à superior, terminando com a comissura labial sempre aparente. Lábios inferiores: bem ajustados ao maxilar, da ponta do queixo até os caninos, soltos daí para trás, com as bordas denteadas. Focinho de boa profundidade na raiz, sem ultrapassar o comprimento. Na oclusão dos lábios, a rima labial se delineia em forma de "L1" invertido, profundo. (6)

6.10.4) Nariz: narinas de cor preta, largas, bem desenvolvidas, sem ocupar toda a largura do maxilar. (6)

6.10.5) Olhos: de tamanho médio a grande, em formato amendoado e bem afastados, de inserção média a profunda; a coloração vai, do castanho escuro ao amarelado, sempre de acordo com a pelagem. Devido à pele solta, muitos exemplares apresentam pálpebras caídas, detalhe que não deve ser considerado falta, pois aumenta o aspecto triste do olhar típico da raça. (6)



Figura 3



Figura 4

6.10.6) Orelhas: (Figuras 3 e 4) grandes, grossas, em forma de "V". Largas na base, estreitando-se na extremidade arredondada. Inserção inclinada, com o bordo anterior mais alto que o posterior, na parte mais posterior do crânio, na altura da linha média dos olhos, quando em repouso. Quando em atenção, a base eleva-se acima da inserção. Portadas caídas de lado ou dobradas para trás, mostrando o seu interior. (6)

6.11) Dentes: caracterizam-se pela maior largura em relação à altura. São fortes e claros. Os incisivos superiores, largos na base e afilados na ponta. Os caninos são poderosos, bem inseridos e afastados. A mordedura ideal é em tesoura, sendo admissível a mordedura em torquês. (6)

6.12) Pescoço: extraordinariamente forte e musculoso, dando a impressão de curto. Linha superior levemente arqueada, destacando bem a passagem do crânio para a nuca. Garganta provida de barbelas. (6)

6.13) Tronco: forte, largo e profundo, revestido de pele grossa e solta. Tórax mais longo que o abdomen. O comprimento do tronco, medido do ante peito à parte posterior da nádega, é determinado pela altura da cernelha, mais 10%. (6)

6.14) Linha Superior: (Figura 5) cernelha inclinada, aberta, devido ao afastamento das escápulas, e ligeiramente mais baixa que a garupa. Após a cernelha, a linha superior muda de direção, ascendendo até a garupa, sem qualquer tendência a sela ou carpeamento. (6)

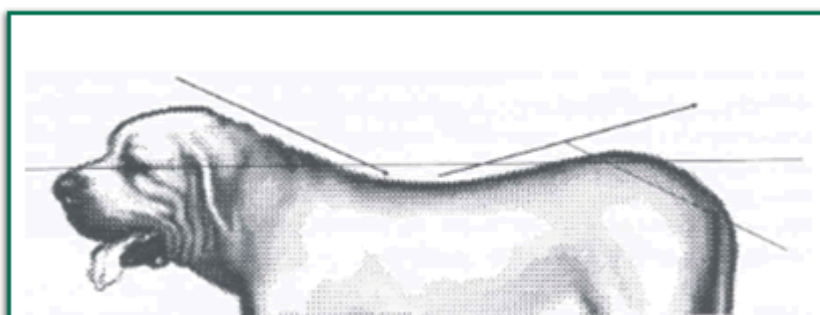


Figura 5

6.15) Tórax: costelas de bom arqueamento, sem, todavia, influenciar a posição dos ombros, peito largo e profundo, atingindo a ponta do cotovelo. Peitorais (antepeito) bem salientes. (6)

6.16) Flancos: menos longos e menos profundos que o tórax, mostrando a separação de suas regiões integrantes. Nas fêmeas, as abas do flanco são mais desenvolvidas. Visto por cima, é menos largo e cheio que o tórax e a garupa, porém, sem marcar cintura. (6)

6.17) Linha Inferior: peito longo e paralelo ao solo, em toda a sua extensão. Ventre suavemente ascendente, nunca esgaldado. (6)

6.18) Garupa: angulada aproximadamente a 30° com a horizontal; larga, longa, delineando uma curva suave. Pouco mais alta do que a cernelha. Vista por trás, a garupa deve ser ampla, de largura aproximadamente igual à do tórax, podendo ser ainda mais larga nas fêmeas. (6)

6.19) Anteriores: (Figura 6) ombros idealmente estruturados por dois ossos de igual tamanho (escápula e úmero), sendo que, a escápula faz 45° com a horizontal e aproximadamente 90° com o úmero. A articulação escápulo-umeral, que forma a ponta do ombro, está situada no mesmo nível e um pouco atrás da ponta do esterno. No ideal, o ombro deve ocupar o espaço da cernelha ao esterno, e a ponta do ombro deve situar-se à meia altura dessa distância. Uma perpendicular, baixada pela cernelha, deve atravessar o cotovelo e recair na pata. A altura do cotovelo ao chão é igual à do cotovelo à cernelha. Braços paralelos, de ossatura poderosa e reta, carpos fortes e aparentes, metacarpos curtos, levemente inclinados. (6)



Figura 6

6.19.1) Patas: formadas por dedos fortes e bem arqueados, não muito juntos, apoiados em digitais espessos e contornando almofadas plantares largas, profundas e grossas. Em sua posição correta, os dedos devem apontar para a frente. Unhas fortes, escuras, podendo ser brancas quando essa for a cor do respectivo dedo. (6)

6.20) Posteriores: (Figura 7) de ossatura forte, ligeiramente mais leve que a dos anteriores, porém nunca deverá parecer fina em relação ao todo. Coxa larga, de contorno abaulado, formada pelos músculos que descem do ílio e do ísquio, que delineiam a curva da nádega, razão de exigir-se o ísquio de bom comprimento. (6)

6.20.1) Pernas: paralelas, tarsos fortes, metatarsos levemente inclinados, mais altos que os metacarpos. Angulações do joelho e jarrete, moderadas. (6)



Figura 7

6.20.2) Patas: iguais às anteriores, apenas, um pouco mais ovaladas. Não devem apresentar ergôs. (6)

6.21) Cauda: de raiz muito larga, inserção média, afinando rapidamente, com a ponta alcançando o nível do jarrete. Quando o cão está excitado, eleva-se, acentuando a curva da extremidade. Não deve cair sobre o dorso ou enroscar-se. (6)

6.22) Movimentação: (Figura 8) passos largos, elásticos, lembrando os dos felinos. A característica principal é a movimentação dos dois membros, de um mesmo lado, para depois movimentar os do outro (passo de camelo); o que lhe confere movimentos gigantes, com balanço lateral do tórax e dos quadris, acentuados na cauda, quando está erguida. Na passada, a cabeça é portada abaixo da linha de dorso. Trote fácil, suave, livre, de passadas largas, com bom alcance e rendimento. Galope poderoso, alcançando velocidade insuspeita em cães de tal porte e peso. A movimentação do Fila Brasileiro é sempre influenciada por suas articulações, típicas do molossóide, o que, efetivamente, lhe permite súbitas e rápidas mudanças de direção. (6)

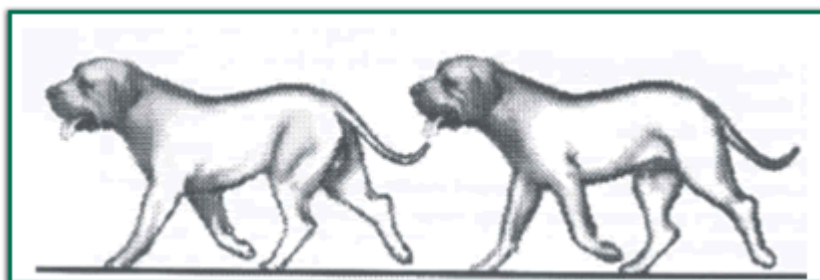


Figura 8

6.23) Faltas Gerais: Tentativas por meios artificiais de alcançar determinados efeitos; albinismo; deficiência de tipo etc. (6)

6.24) Desqualificações

- 1) Agressividade para com seu dono;
- 2) Covardia;

- 3) Nariz cor de carne;
- 4) Prognatismo superior;
- 5) Prognatismo inferior com dentes à mostra, estando a boca fechada;
- 6) Falta de 1 (um) dente canino ou 1 (um) molar, exceto o 3° (terceiro);
- 7) Olhos azuis, louçados;
- 8) Orelhas ou cauda operadas;
- 9) Garupa mais baixa que a cernelha;
- 10) Todos os cães brancos, cinza-rato, malhados, manchados e os pretos e castanhos;
- 11) Abaixo do mínimo de altura;
- 12) Ausência de pele solta;
- 13) Ausência do passo de camelo. (6)

6.25) Faltas muito graves

- 1) Cabeça pequena;
- 2) Lábios superiores curtos;
- 3) Stop pronunciado, visto de frente;
- 4) Olhos protuberantes;
- 5) Falta de 2 (dois) dentes, exceto os P I;
- 6) Falta de barbelas;
- 7) Apatia e timidez;
- 8) Sensibilidade negativa ao tiro;
- 9) Dorso carpeado;
- 10) Linha superior plana;
- 11) Linha inferior excessivamente esgalgada;
- 12) Jarrete de vaca;
- 13) Ausência de angulações dos posteriores (perna de porco);
- 14) Ossatura leve;
- 15) Falta de substância;
- 16) Acima do máximo de altura;
- 17) Marcações em branco que excedam 1/4 (um quarto) do geral;
- 18) Despigmentação nas pálpebras;
- 19) Olhos redondos;
- 20) Figura quadrada. (6)

6.26) Faltas graves

- 1) Focinho curto;
- 2) Orelhas pequenas;
- 3) Orelhas de implantação alta;
- 4) Olhos excessivamente claros;
- 5) Presença de rugas no crânio, estando o animal em repouso;
- 6) Prognatismo inferior;
- 7) Falta de 2 (dois) dentes;
- 8) Papadas;
- 9) Dorso selado;
- 10) Garupa muito estreita;
- 11) Cauda portada enroscada, acima da linha do dorso;
- 12) Peito pouco profundo;
- 13) Desvios acentuados de metacarpos ou metatarsos;
- 14) Posteriores muito angulados;
- 15) Passos curtos. (6)

6.27) Faltas leves: Tudo que se afasta da descrição do padrão. (6)

6.28) Faltas: qualquer desvio dos termos deste padrão deve ser considerado como falta e penalizado na exata proporção de sua gravidade. (6)

NOTA: os machos devem apresentar os dois testículos, de aparência normal, bem desenvolvidos e acomodados na bolsa escrotal. As fêmeas devem exibir feminilidade bem pronunciada, diferenciando-se, nitidamente dos machos. (6)

7) Considerações finais

A partir do que foi colocado nesta revisão bibliográfica, só posso dizer que a descendência do Fila Brasileiro é um tanto quanto obscura e indefinida.

Muitos criadores de outras raças dizem que o Fila Brasileiro, não passa de um grande “vira-latas”, argumentam isto por ser proveniente de uma mestiçagem sem controle, como podemos constatar. Ora se este argumento deles é verdadeiro, que mostrem qual a raça que não é resultado de uma mistura de raças. Se assim é, tornasse então claro que todos os cães são “vira-latas”, o que não é de longe verdade.

É verdade que não houve nenhum tipo de trabalho ordenado até alguns anos antes de 1946. Mas tão brasileiro quanto o povo que lhe deu o nome, o cão fila formou-se e adquiriu características que o definem como tal, distinguindo-se de qualquer outra raça.

Assim o principal desafio, na criação do Fila Brasileiro, foi e talvez ainda seja, o de justamente obter a uniformidade do plantel, já que possui um passado de poucas gerações para fixar adequadamente o tipo.

8) Referências Bibliográficas

1 – CRUZ, Paulo Santos. O novo padrão do fila. O Fila, São Paulo, v. 1, n. 8, p. 5-7, jul. 1979.

2 – CRUZ, Paulo Santos. Os fatores que contribuíram para a formação da raça Fila. O Fila, São Paulo, v. 1, n. 12, p. 3-8, nov. 1979.

3 – CRUZ, Paulo Santos. Os fatores que contribuíram para a formação da raça Fila. O Fila, São Paulo, v. 2, n. 13, p. 3-5, dez. 1979

4 – VASCONCELLOS, Antonio Luiz de. Uma crítica ao “Grande Livro dos Filas” . (Leia-se mestiços). O Fila, São Paulo, v. 3, n. 31, p. 5, out./dez. 1981.

5 – MACIEL, Luiz Antonio. Os estigmas que marcam a história da raça Fila. O Fila, São Paulo, v. 3, n. 33, p. 11, mar./abr. 1982.

6 – Disponível em: <<http://www.cbkc.org/padrao/pdf/grupo2/filabrasileiro.pdf>>. Acesso em: 2 mar. 2005.

7 – Disponível em: <<http://www.portaldofila.com.br>>. Acesso em: 2 mar 2005.